

MESTRES DE MÚSICA

Dunga Rodrigues

Em Mato Grosso, particularmente na sua capital, Cuiabá, os mestres de música ou mestres de banda, exerceram um papel muito importante no ensino e conseqüentemente na divulgação de uma música mais séria, nesta cidade, bem como no estudo e na propagação da arte pianística, causando espanto aos naturalistas Karl Von Den Steinen e Herbert Smith, ao visitarem esta cidade (Cuiabá) entre os anos de 1881 a 1885, admirando-se muito, ao se lhes depararem um grande número de pianos, aqui, nesta cidade, provindo todos da Europa: marcas Ronishi, Steinway Ritter Pleyel e outros.

Quer-nos parecer, pelo relato, muitas vezes repisado, das minhas tias-maternas das quais as mais idosas chegaram a freqüentar os bailes promovidos pela Marinha de Guerra e pelo Exército Nacional, nas suas sedes, aqui nesta cidade; e os elogios às bandas de música destas corporações davam a impressão que, cada batalhão se esmerava com a sua banda de música, para projetá-las, no intuito de uma superar a outra.

Recordam-nos os elogios às bandas do 21º e a do 8º, nos bailes e saraus da marinha e do exército. E, revendo a atuação dos mestres de música, ficou-nos a impressão de que o aprendizado da música seria um apanágio especial dos mulatos e pretos. Pois a maioria dos que aqui aportaram eram peçoas de côr, que também exerciam o papel de professores de piano com muita eficiência.

Destes mestres, ficou-nos na mente o nome de Mestre Agostinho.

Devemo-nos lembrar de que também no Estado de Minas Gerais, no período setecentista até o meado do século XIX, a maioria dos mestres de música, ou quase a totalidade, era também constituída por negros e mulatos, nascidos ou tornados livres. Pois não havia alternativa na escolha para o seu meio de vida, para os seus filhos mulatos, nascidos ou tornados livres.

Pois aqui, também, nesta cidade de Cuiabá, chegamos a conhecer alguns mestres de ofício, entre os quais os mestres de banda, ou mais especificamente mestres de música e algumas de suas alunas de piano, como dona Coliméria Moura, dona Adalgiza Portela, dona Eugênia Neves, que começou

os seus estudos no Rio de Janeiro, as filhas do Sr. Pidú, Cel. Pedro Leite Osório, Augusta, Demetilde e dona Amália Josetti, tia da pianista Dyla Josetti, donas Maria Nina Moreira Pitaluga, dona Marianinha Moreira de Almeida e outras. Todas dispunham de excelente técnica e de conhecimentos teóricos.

O citado mestre Agostinho compôs muitas músicas sacras e profanas, de grande inspiração, e entre estas, uma inspirada marcha fúnebre, que acompanhava o cortejo dos mortos ilustres até o cemitério, durante longos anos, hábito este que deixou de existir com o advento do automóvel, nesta década, o que se deu no governo de D. Aquino Corrêa, na década de 1917 a 1927, pois antes, o cortejo fúnebre se dirigia a pé até o cemitério.

A atuação do mestre Agostinho foi muito importante nesta cidade, pois além da regência em banda militar, era compositor inspirado, mestre de instrumentos, sobretudo o piano, muito competente.

Aqui faremos um paralelo entre a música ou músicos matogrossenses ou especificamente entre o movimento musical cuiabano e o do Rio Grande do Sul, tomando por base o trabalho de Maria Elisabeth Lucas: *"Classe Dominante e Cultura Musical: do amadorismo à profissionalização"*.

Como em Porto Alegre, sentimos o critério de distinção social na classe dos músicos, em nossa localidade. Aliás, um critério benéfico, porém encarado numa interpretação errônea, que hoje pretendemos retificá-la.

Nesta música, utilitária e recreativa também, a presença dos nossos mestres de banda, em nossa sociedade, foi definitiva e providencial, como responsável pelo grande número de pianos, todos importados diretamente da Europa, via Rio da Prata, que até os anos 50, neste século, podiam-se contar na rua 15 de Novembro, a rua Grande (seu apelido), da Igreja de S. Gonçalo à beira do rio, configurada a distância em uma só quadra, o número de 26 pianos, exatamente.

Como em Porto Alegre (RS), o amadorismo era cultivado pela sociedade, pela alta e média, especificando melhor. Isto, parece, que lhe dava um certo ar de superioridade diante daqueles músicos que eram contratados para exercer a música profissionalmente.

Dentre estes profissionais estão os mestres de música ou mestres de banda. Como a maioria destes mestres se compunha de pretos e mulatos, criou-se uma concepção de que as pessoas de côr (pretos e mulatos), eram agraciados com uma tendência, dote ou dom especial para aprender e captar o desenvolvimento total da arte musical.

Na realidade, pela inestimável contribuição negra na arte brasileira, é possível esta assertiva; porém, sem lhes tirar o mérito, pelo estudo de Maria Elisabeth Lucas (RS) chegamos à conclusão seguinte: como os nossos “mestres de música” mulatos e negros foram importados da cidade do Rio de Janeiro, podemos inclui-los entre aqueles que procuravam afastar-se do serviço pesado da lavoura e ingressar-se numa banda de música, pelo estudo e conhecimento da música, uma das poucas opções que lhe era concedida, numa sociedade escravocrata, como o era a brasileira de então.

A nata da sociedade do século XIX ate o início do século XX, pelo menos aqui em Mato Grosso, considerava o profissionalismo em arte, um apanágio ou atributo inerente a uma classe inferior, enquanto o amadorismo, era cultivado pela classe abastada, encarando a arte como um prolongamento da educação, apenas.

Com o conhecimento do evoluir do cultivo de uma arte, podemos concluir, encarando esta avalanche de músicos de cor, nesta cidade de Cuiabá, não só como acentuada tendência inerente à raça, como fuga a um trabalho penoso, por vezes inumano e, como a única alternativa que se lhes deparava, a fim de melhorar de vida.

Dai essa enxurrada benéfica da raça negra em nosso meio social, que atribuía também à atuação profissional de uma arte (aqui especificamente a arte da música), um tento de desabono a sua atuação como uma profissão.

O profissionalismo era desprestigiado. A música em si não o era. O que explica haver certas chances de ascensão para um profissional tido como musicalmente bem dotado.

Quanto ao músico amador, fosse ele instrumentista, cantor ou compositor, invariavelmente pertencia a famílias de grandes comerciantes, profissionais liberais, funcionários burocráticos graduados, o amadorismo parecia conferir *status*, dedicando-se à música como enobrecimento do espírito, sem laivos de profissionalização.

Interessante notar que, nesta mesma cidade, onde em sociedade os homens usaram punhos de renda, em determinada época, a maioria se recusava a enfrentar o estudo do piano, atribuindo a este uma afinidade com o contingente social exclusivamente feminino.

Ledo engano. Em artigo de uma revista americana, cujo nome nos escapa da memória, lemos que para vibrar as cordas de um piano, em sua

totalidade, só a resistência e fortaleza dos músculos masculinos. Ou sob um ponto de vista mais recente, à totalidade de energia emanada de um corpo masculino.

Todo este preconceito ruiu, felizmente, com o decorrer dos anos, e os diletantes procuraram profissionalizar-se incrementando a classe de profissionais, a começar (aqui nesta cidade) desde o final do século XIX.

E, reafirmamos: com a enxurrada de mestres de música era de pessoas de cor, que, pelo óbvio procuravam um trabalho mais suave, que lhes era oferecido, nada mais natural que, sem o conhecimento de outras ocorrências idênticas lhes atribuíssemos dons especiais inerentes à raça.

Não lhes negamos o talento e propensão acentuada para a arte, mas esclarecemos que à procura de uma vida melhor eles acabaram escolhendo a profissão de mestres de música ou mestres de banda, para desfrutarem uma vida mais suave ao mesmo tempo muito acorde com as suas tendências.

Mestres de Música

Joaquim da Costa Siqueira, no seu *Compêndio histórico-cronológico das notícias de Cuiabá*, do ano de 1794, cita como mestres de música Joaquim Mariano da Costa e Antonio Francisco das Neves. O primeiro era também professor de Língua Portuguesa.

Firmo José Rodrigues, no seu livro *Figuras e Coisas de Nossa Terra*, focaliza os musicistas de Cuiabá dizendo: "*Cuiabá sempre foi a terra da música; nunca faltaram aqui bandas de músicas militares e civis, para as festas profanas e religiosas*".

É o que se pode verificar do livro de registro das sessões da Irmandade do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, correspondente aos anos de 1821 a 1855.

Na ata da sessão de 25 de novembro de 1828 encontra-se o contrato do mestre Veríssimo José de Sousa Guimarães, para quaisquer eventualidades, como musicar as novenas e todos os demais atos da festa de 1º de janeiro, pela quantia de trinta oitavas.

Em 1829, esse contrato é feito com o mestre de música Eusébio Luis de Brito, para tocar durante o ano as missas de sextas-feiras e na procissão de 1º de janeiro, por quarenta e duas oitavas. Esse contratante permaneceu até 1833, pois no ano seguinte aparece o mestre João Bonifácio da Mota.

Em 1844, figura como contratante e mestre Filipe Nery Pereira que, não dispondo de músicos suficientes, indicou para ser substituído o mestre Lúcio José de Arruda.

Depois deste, reaparece, dirigindo o coro da Catedral, o mestre João Bonifácio, até 1855, data em que o provedor José Antônio Soares e a provedora Antonia Gonçalves Corrêa do Couto, da referida Irmandade, fizeram a doação de um órgão (harmônico) para o coro da Igreja (da Catedral). Apesar de possuir esse novo instrumento, por motivos não esclarecidos, a Irmandade continua a contratar músicos para os atos religiosos da Igreja, incluindo as missas de sexta-feira. Presume-se a falta de um organista.

Em época mais recente, aparece o mestre Manoel Liberato, que era auxiliado por seu filho Anselmo Liberato de Oliveira, dedicando-se especialmente à música sacra.

Vieram depois as bandas de música de Antonio Marinho da Fonseca e de João Marinho da Fonseca, seu filho, e ainda outra só de menores, dirigida pelo pares Aureliano Pinto Botelho.

Das bandas militares existentes em Cuiabá, a mais harmoniosa era a dos aprendizes artífices do Arsenal de Guerra, durante muito tempo dirigida pelo mestre Salustiano Pinto Brasil, sargento do exército. Aos domingos, o corpo de operários, militares e os aprendizes artífices do Arsenal de Guerra, assistiam à missa na igreja de São Gonçalo, desfilando ao som da excelente banda de música, dirigidos por um oficial pedagogo e tendo à frente o clássico Baliza, como era usado no exército inglês. Salustiano envergava com garbo a sobrecasaca militar, abotoada com reluzentes botões de metal amarelo, trazendo à cintura vistosa faixa de seda carmesim com franjas nas extremidades e denominada *banda*, distintivo de sargentos e de oficiais. Como remanescentes da extinta banda da música do Arsenal de Guerra, existiam os mestres Agostinho e Miguelzinho (Miguel Ferreira Albernaz), que tocava vários instrumentos, mas era perito no saxofone, lecionando também música e diversos instrumentos, até piano; e ainda Francisco Mendes, todos desaparecidos neste século.

Estêvão de Mendonça, no seu trabalho *Tipos de Rua*, enfoca a figura de Mestre Lúcio: "*Quando menino, alcancei por aqui oito bandas de música, sendo duas de Menores, devidamente uniformizados. Uma tinha sede no antigo Arsenal de Guerra e outra era dirigida pelo padre Aureliano Pinto Botelho. Em período anterior, existiu maior número, celebrizando-se então o*

mestre Lúcio, com a sua banda adestrada em fadinhos e serenatas, e famosa nas ceias de aniversário”.

Mestre Lúcio, muito dengoso e alinhado, ainda que envelhecido, não deixava escapar ocasião para exhibir a batuta, que manejava com elegância e perícia. Não punha conta nas remunerações das tocatas porque, de resto, um boêmio acabado, preferia à moeda um frango assado ou um leitão tostadinho. Emborcava uma garrafa de vinho sem que lhe toldasse a cabeça e não recusava ante a caninha, se viesse depois. Eram poucas as figuras da banda de música que organizara, cabendo-lhe, conforme a execução, tocar vários instrumentos. Entretanto, a sua predileção voltava-se para o violino que manejava com sentimento e vigor. Foi por muitos anos dirigente da orquestra da Sé, tendo deixado composições sacras de alguma valia. A sua banda gozava de fama, pelo repertório escolhido e sobretudo pela pontualidade e modicidade do preço. Em qualquer casamento, missa ou batizado, quando os noivos promesseiros ou padrinhos defrontavam o adro da igreja, mestre Lúcio, empertigado e solene, em voa baixa, ordenava: “Afofa”.

Além disso, usava uma inseparável cartola, não a deixando nos dias de festas ou nos dias comuns, quer chovesse, quer não. A sua cantimplora 1830, socada e monumental, exigia um museu. O seu dono e a sua cartola desapareceram a um só tempo, antes da guerra (1914).

Entre os mestres de música que prestaram seu concurso artístico nesta cidade, embora vivessem em outra localidade, devemos citar o senhor Manoel José de Campos, o conhecido Seu Neco. Nascido na cidade de Livramento, músico e poeta repentista, fazia constantes exhibições em Cuiabá com o seu conjunto.

Dotado de ouvido absoluto, conhecedor profundo de teoria musical, tocava com perfeição e pistão e outros vários instrumentos. Também lecionava música. Naquele cidade, junto com Manoel Odorico Maciel, tomava parte na banda de música de Antonio Henrique, tocando pistão.

Não conseguindo obter nenhuma composição musical de sua autoria, mas do seu espírito poético, conta-se que, sendo criticado pelo amigo apelidado Milu, que vivia em concubinato com a rameira apelidada Ana Coruja, por se parecer com esta ave, de tão feia que eram, respondeu-lhe com o seguinte mote:

*“Oh! meu amigo Milu
comigo você não graceja.*

*Primeira namorada sua
soava por cima da igreja.*

*Quem dá beijo em coruja,
não alcança o que deseja:
pelo jeito que estou vendo,
você fica no "ora...veja!"¹*

Ao Dr. Mário Corrêa, então Presidente do Estado, dedicou esta quadra:

*"Meu amigo doutor Mário,
Desculpe minha imprudência:
Eu quero louvar sua pessoa,
Depois de Vossa Excelência."*

Eram seus contemporâneos os seguintes rapazes: Gonçalo Friagem, Benedito Virá e Joaquim Cachorro, que não perdiam oportunidade de provocá-lo. De uma feita, ele os revidou, matando de uma cajada os três coelhos:

*"O vento tá para batê,
friagem tá pra Virá.
vocês pega contar prosa,
eu tiço Joaquim em vocês."*

Certa moça da nossa sociedade, que não primava pela beleza, quis glosar Seu Neco, que era estrábico e desengonçado, perguntando-lhe: "*Seu Neco, feiura dói?*". De chofre este lhe respondeu: "*Não, minha filha, nunca eu a vi chorando...*"

Ele era uma pessoa muito conceituada em Cuiabá, desfrutando de boas amizades e sempre prestando a sua colaboração aos conjuntos musicais desta cidade e da cidade de Livramento.

¹ A expressão "Ora...veja" corresponde ao que se diz hoje: "ficar na mão", isto é, ficar "a ver navios".

Ainda alcançamos mestres de Banda muito competentes, que exerceram as suas funções até a década de 20 e 30.

O professor Francisco Mendes, que tocava vários instrumentos. Pessoa de caráter ilibado. O músico Emílio Heine, de ascendência alemã, cujo instrumento preferencial era-lhe o violino. Lecionou piano e violino em nossa sociedade e dirigiu as bandas militares. Era muito competente.

O Liceu S. Gonçalo, da Congregação Salesiana, mantinha uma banda em seu colégio, também com mestres vindos de fora.

Chegou de formar aqui uma banda de índios Bororos, que fez muito sucesso pela sua originalidade, tendo convite que realizou com ótimo desempenho: foram exhibir-se na Europa.

BILBIOGRAFIA

- BARBOSA DE SÁ, Joseph - *Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seos principios the os presentes tempos*. Cuiabá, UFMT/SEC, 1975.
- CORRÊA FILHO, Virgílio - *Fazendas de gado no Pantanal matogrossense*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1956 (Documentário da Vida Rural, 10)
- CRÔNICAS DE CUIABÁ - *Anais do Senado da Câmara*. Ano de 1763 e 1823.
- LUCAS, Maria Elizabeth - *Do amadorismo à profissionalização*. Porto Alegre, RS.
- MENDONÇA, Estêvão de - *Datas Matogrossenses*. Cuiabá, v.1,2.
- REVISTAS do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ano XV, tomos XXIX e XXX, 1933 - anos 1941 e 1942, tomos XXIV, XXV e XVI; anos 1942 a 1945, Tomos LII a LVI - ano de 1946, tomos LII e LVI. Cuiabá, Escola Industrial de Cuiabá.
- STEINEN, Karl von den e SMITH, Herbert - *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*. Rio de Janeiro.